



Por uma cultura de paz

**156. RedeUnaViva: Meditação Cristã 156 – paragem 6-435 –
10.09.2017**

MATEUS 23:37-39 e LUCAS 13: 31-33 / 34-35

JERUSALÉM – SEUS PECADOS E DESTINO

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender os três tempos contidos na resposta de Jesus a Herodes?
2. Que mensagem Jesus oferece à Jerusalém quando a lamenta?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como firmar os três tempos para o meu aprimoramento?

156.1 Introdução: A cronologia e a sequência das passagens.

Por motivo de ordem interna da RUV, que não será detalhado, fugimos da cronologia corrente na escolha da sequência das três últimas MCs. O certo seria, depois da MC-152, **A Porta das Ovelhas** (Jo 10:1-9), continuar no capítulo 10 de João, com **O Bom Pastor** (Jo 10:11-21) e com **Eu e o Pai Somos Um** (Jo 10:22-39), todas elas passagens que acontecem em Jerusalém. Por conta do confronto que aí se intensifica, Jesus deixa a Judeia, conforme retratado no epílogo desse capítulo de João (Jo 10:40-42), e faz a travessia do Jordão para caminhar pelas terras da Pereia. A esse epílogo acrescentamos outra passagem, **A Cura dos Dois Cegos** (Mt 9:27-31), já posta como a primeira ação do Cristo no novo ministério, para constituir a Meditação seguinte, a MC-153. Feito isso, retornamos à parte faltante com os dois temas de João – O Bom Pastor e Eu e o Pai Somos Um –, configurando-se as MC-154 e 155.

Agora, voltamos ao ministério da Pereia e, integrando outras duas passagens, compusemos a MC-156. A rigor, deveriam ser abordadas em separado, mas pela contiguidade e afinidade entre seus temas optamos pela conjunção. Contiguidade, desde que optemos pela cronologia apontada por Lucas.

A primeira passagem, **A Ameaça de Herodes**, é da lavra exclusiva de Lucas – presente em três versículos do seu capítulo 13 – cuja resposta de Jesus permite ilações tão importantes como também difíceis de interpretação. Na sequência, vem o **Lamento**



Por uma cultura de Paz

sobre **Jerusalém**, descrito em dois versículos subsequentes de Lucas e reprisado quase que literalmente em Mateus. Quem copiou quem é pergunta coerente. Tendo a admitir o original como de Mateus, o evangelista ocular, presente em todo o ministério de Jesus. Mas a sequência lógica do Livro de Mateus dá muitas demonstrações de ele não seguir a cronologia. Parece em muitos momentos escolher juntar passagens de épocas distintas que, por afinidade de conteúdo, justificava-se seu agrupamento em um mesmo capítulo. Lucas teria priorizado o encadeamento cronológico levando a crer que o **Lamento** aconteceu na Pereia e não na Judeia, como o texto do médico evangelista sugere.

Cuidemos de estudar as duas passagens no afã de entender alguns aspectos do breve Ministério da Pereia, que está começando.

156.2 Evangelho-parte 1: Os fariseus da Pereia entre Herodes e Jesus. (Lc)

Lucas 13: 31- 33
31. Naquela mesma hora, vieram alguns fariseus, dizendo-lhe: "Sai e vai embora daqui, porque Herodes quer matar-te".
32. E disse-lhes (Jesus): "Indo, dizei a essa raposa: eis que expulso obsessores e realizo curas hoje e amanhã, e no terceiro (dia) me aperfeiçoo.
33. Mas devo caminhar hoje e amanhã e no (dia) seguinte, porque não convém a um profeta morrer fora de Jerusalém".

1. Naquela mesma hora, vieram fariseus, dizendo-lhe: "Sai e vai embora daqui, porque Herodes quer matar-te".
2. Respondeu-lhes Jesus: "Na volta, dizei a essa raposa: eu expulso obsessores e realizo curas hoje e amanhã, e no terceiro dia me completo".
3. Mas devo caminhar hoje e amanhã e no dia seguinte, porque não convém a um profeta morrer fora de Jerusalém"

156.3 Evangelho-parte 2: A condição de Jerusalém. (Mt, Lc)

Mateus 23: 37-39	Lucas 13: 34-35
37. 'Jerusalém, Jerusalém, a matadora dos profetas e apedrejadora dos que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como uma galinha aconchega seus pintinhos sob suas asas, e não quiseste!	34. 'Jerusalém, Jerusalém, a matadora dos profetas e apedrejadora dos que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos como uma galinha aconchega seu ninho sob as asas, e não quiseste!
38. Eis que vos é deixada deserta vossa casa.	35. Eis que vos é deixada vossa casa. E digo-vos que não me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.



Por uma cultura de paz

39. Digo-vos, pois, que desde agora não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do senhor".

4. “Jerusalém, Jerusalém, a matadora dos profetas e apedrejadora dos que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como uma galinha aconchega seus pintinhos no ninho sob suas asas, e não quisestes!

5. Então, vossa casa será deixada deserta. E digo-vos que desde agora não me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor”.

156.4 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender os três tempos contidos na resposta de Jesus a Herodes?

Paira dúvida se a ameaça de Herodes comunicava real intenção de perseguir Jesus caso ele continuasse nas terras da sua governança, ou se pretendia, com ela, evitar ter de repassar o remorso de ter mandado matar João Batista. Herodes, mesmo saindo impressionado quando foi ao cativoeiro lhe sondar o espírito, submeteu-se aos caprichos Herodias, enteada-sobrinha. No entanto, o Cristo, além de não demonstrar medo da ameaça verbalizada pelos fariseus da Pereia, ataca comparando-o a uma raposa. Furtivo, capcioso, queria agradar aos romanos sem se indispor com os patrícios. Apesar da astúcia, Cristo o denotou como fraco a quem não se submeteria.

Aproveita a ocasião para anunciar seus próximos passos, destacando aspectos da jornada que findaria em breve. Pauta-se em três tempos – os que demarcam a duração de um processo. Figura-se no hoje e no amanhã, na primeira e na segunda marcação do processo, os dois tipos de cura que realiza – a espiritual que liberta o oprimido do jugo vibratório da obsessão, e a corporal, que normaliza o instrumento físico. Constituem o seu caminhar pela Terra. Há pouco dissera aos judeus que sua condição de Messias se conhecia através das ações – que são essas – e do discurso. Assim, sua missão se realiza. Ao se consumir as duas primeiras, restaria o terceiro passo da caminhada – morrer em Jerusalém, que é posto como aperfeiçoamento.

Em certa entrevista, quando Chico Xavier foi concitado a responder que relação de identidade vigia entre o Cristo e Deus, demarcou pela distinção entre os dois. A dúvida a ser dirimida provinha da frase proferida por Jesus que, inclusive, foi objeto de estudo na nossa última MC, “Eu e o Pai somos um”. Pontuou Chico que apesar de distinguir a condição elevadíssima do Mestre, que o autorizava a assumir a função de Governador da Terra, cabia considerar que na hierarquia da criação, o papel similar com relação ao sistema solar e ainda com outros mundos superiores, cabia a Espíritos mais evoluídos. Consoante a tal entendimento, é admissível considerar a pertinência de



Por uma cultura de paz

aprimoramento na esfera dos Espíritos crísticos, não obstante estar nesta condição implica total liberdade em relação dos condicionamentos humanos – por isso, ele próprio se denominava de o Filho do Homem. Acima do plano humano e terrestre, ele já sobrepairava.

Outrossim, o termo *teleiôô*, traduzido por Pastorino como *aperfeiçoar*, ele próprio diz caber o sinônimo *completar*. Daí a pergunta, se o verbo usado pelo Cristo poderia significar *completar* a sua missão, que deveria acontecer em Jerusalém através da crucificação? Ou se deveria ser mesmo interpretado que o Cristo, apesar de não estar ali para remir qualquer carma pessoal, aquela missão cruenta, além de servir para testar sua afinidade com Deus, poderia lhe assegurar mais distinção de progresso nas moradas do Pai? Perguntas que dependem de outro tipo de conhecimento para serem esclarecidas.

2. Que mensagem Jesus oferece à Jerusalém quando a lamenta?

Apesar de Jerusalém ter sido imaginada por Davi e construída por seu filho Salomão, o primeiro era visado de morte pelo rei Saul (1 Sam. 19-5), que também mandou matar oitenta e cinco sacerdotes do Senhor (1 Sam. 22-18), num tempo em que a cidade sagrada ainda nem fora edificada, mas o fato constitui símbolo do poder real assassinando os missionários do Senhor.

O sangue que jorrou fácil em Jerusalém em muitas circunstâncias foi provocado pelo poder institucional. Jezabel, mulher do rei Acabe, manda matar profetas (1 Sam 18-4) e a Nabote (1 Reis 21:14), cuja morte trouxe Elias em sua defesa. Manasses (rei de Israel) matou tantos inocentes que as ruas da cidade se alagaram de sangue. (2 Reis 21-16). O rei Joás mandou matar os filhos dos sacerdotes no pátio do Templo (2 Crô. 4:25). Violências similares são fáceis de se encontrar nos registros da Escritura.

A história da religião judaica está cheia de tramas que acabam em morte. Corresponde ao tempo de sua menoridade espiritual. Movida pelos arroubos instintuais, quase sempre a juventude busca resolver seus problemas movida pelo impulso. Não lhe importa se o uso desmedido da força terminar em violência e sangue. Mas chegara o tempo de demarcar nova fase no cenário espiritual. Para isso, outra pauta, baseada no amor, se tornou imprescindível, a fim de que prevalecesse a intenção do acordo. Precisava que o perdão, a solidariedade e a compaixão viessem a funcionar como apoio firme à racionalidade. Somente assim soluções conciliatórias seriam gestadas e praticadas. O Cristo foi o demarcador incontestável do novo e revolucionário paradigma.

É também nesse limiar que Jesus lamenta a história problemática de Jerusalém. Chora pelo seu passado e por seu presente. Lamenta por antevir que o movimento tendencioso dos atuais líderes faccionários não lhe reservava destino diferente. E que



Por uma cultura de paz

continuará, pois em breve, Estevão seria o primeiro cristão apedrejado, e Tiago, preso e espancado até a morte.

Como governador do planeta, enviou inúmeros profetas ao longo dos séculos visando a unidade do povo. Quis juntar seus filhos como a galinha aconchega seus pintinhos, sob asas maternas. Mas, em vão.

Termina com duas profecias: a primeira diz respeito à destruição de Jerusalém, no ano 70, como resultado da revolta judaica. Um tipo de revolta que Judas ansiava fosse capitaneada por Jesus, e que acabou por leva-lo à traição. O resultado desastroso dessa empreitada, que nem passava pela cabeça do Mestre assumir, baseada na força e no confronto, foi evidente. Constatou-se no massacre impiedoso que a cidade sofreu, quando as forças do comandante romano Tito atravessaram suas muralhas. “Eis que vos é deixada deserta vossa casa” é a sua palavra do momento. Complementa-se com outra posterior, “... não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada” (Mt 24:2). A segunda profecia, trata-se da redenção, ainda não vislumbrada, já que a cidade vive, nos dias atuais, sob precário pacto de paz. É ao mesmo tempo pleiteada como cidade sagrada por três religiões, judaica, cristã e mulçumana. O seu centro, parte antiga, está dividida em quatro bairros, sendo que três deles são referidos com nomes próprios vindos das religiões citadas, e um quarto, que é armênio.

É possível que a sua condição de paz verdadeira e duradoura seja vislumbrada para uma fase em que a Terra terá aprendido a resolver seus conflitos sob o encaminhamento da lei do amor. Aí estará Jerusalém simbolizando a própria humanidade e afirmando, “bendito o que vem em nome do Senhor”. Estes serão os emissários do Cristo, que continuarão trabalhando na Terra em seu nome.

156.5 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como firmar os três tempos para o meu aprimoramento?

Jesus fala dos três tempos, daqueles que fazem parte de todo processo – começo, meio e fim.

Aqui os três são especificados de acordo com a sua Jornada do Herói, um herói inigualável a pisar por essas paragens. Já veio iluminado.

Não teme a morte, como todo ego teme. Enfrenta o perigo, o da natureza ou aquele da condição humana, com firmeza e lucidez.

Não profere bravatas para se vangloriar diante do adversário, porém sabe coloca-lo no seu devido lugar. Nem parte para o confronto a fim de demonstrar poder. Coerente, afasta-se como medida cautelar, economizando energias e se guardando para a luta inevitável e necessária.



Por uma cultura de paz

Acima de tudo realiza o bom trabalho da cura. O Cristo cura nos refolhos da obsessão, onde o ego tenta seduzir o Ser tal como o próprio foi tentado durante quarenta dias, no deserto.

Numa quarentena de meditação devo também me desobsediar do ego que me promete venturas a torto e direito. Acena-me com paisagens favoráveis de regozijo, garantindo-me resultado fácil dependendo apenas do investimento nos meus desejos. E sei, esses não são poucos. Pura ilusão, que te imploro, Senhor, cura-me. Livra-me de tamanha ignorância.

E cura-me também das mazelas físicas, muito mais com a precaução e com as atitudes de comedimento. Intua-me na parcimônia de todas as alimentações, apontando as medidas de equilíbrio no cuidado com meu corpo.

No terceiro tempo, que eu esteja pronto para a entrega no sacro-ofício.

A Jerusalém é minha cidade e o meu templo todas as atividades de interação com o meu próximo, principalmente com as representações dele que cultivo dentro de mim.

Assim, sento-me em meditação e te alcanço em três tempos. Louvado sejas, Senhor.

156.6 Versículo(s) para a meditação: Lucas 13:33.

Mas devo caminhar hoje e amanhã e no (dia) seguinte, porque não convém a um profeta morrer fora de Jerusalém”.

156.7 Condução desta meditação.

Sentado de olhos abertos ou fechados, conto minha respiração.

Cada respiração é um dia, um tempo.

No primeiro, acolho o conteúdo mental que me aponta para alguma satisfação material, e dela me curo. Ou seja, eu posso ficar sem ela.

No segundo, acolho o conteúdo mental que me aponta para alguma satisfação psíquica, e dela me curo. Ou seja, posso passar sem ela.

No terceiro, em sacro-ofício entrego-me para a morte de ego e me descubro Cristo. Eu sou.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 157 – paragem fora do tempo – 17.09.17
MATEUS 9:32-34 / LUCAS 14:1-6



Por uma cultura de paz